

Museus Pedagógicos e Museus Escolares na Itália: da Unificação à ascensão do Fascismo (1861-1922)

Alberto Barausse¹

DOI: 10.26512/museologia.v8i16.25940

37

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

O artigo ilustra a origem e os desenvolvimentos da musealização em âmbito pedagógico e escolar na Itália, no período entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Durante este período, os museus da península italiana com caráter pedagógico e escolar foram promovidos no âmbito das mais numerosas iniciativas em nível mundial, baseadas nas ideias e nas práticas que circularam através das exposições universais. A contribuição pretende destacar a diferente natureza e finalidade dos museus oriundos da ação do Ministério de Instrução Pública, daqueles apoiados por universidades ou institutos escolares individuais.

Palavras-chave:

História da educação. Museus Pedagógicos. Museus Escolares. Patrimônio histórico educativo. Itália.

Abstract

This article describes the origin and the development of museums in pedagogical establishments and schools in Italy in the period that goes from the second half of the XIX century to the first two decades of the XX century. During this time quite a few initiatives were organized within the framework of the World Exhibitions. In Italy too, many museums came to light with distinctive and pedagogical features.

This article points out the different objectives set up by the museums supported by the Ministry of Education and those promoted by Universities and individual schools.

Keywords:

History of education. Pedagogical Museums. School Museums; Historical educational heritage. Italy.

1. Introdução

A história dos museus dedicados à educação na Itália e a história das exposições didáticas representam um objeto de investigação bastante recente para a pesquisa histórico-educativa italiana. Isoladas ou bastante sintéticas foram raras as tentativas de colocar em foco algumas das experiências mais significativas relativas ao processo de musealização que caracterizaram a história da educação na Itália (Cossetto, 2002). Alguns estudos aprofundados foram dedicados às experiências dos museus artístico-industriais (Viola, 2018) ou ao *Museo dell'istruzione e della educazione di Roma*² (Dal Pane, 1961; Nuzzaci, 2002; Alatri, 2003; Borruso, 2007; Sanzo, 2012, de Cumis Siciliani, 2012), sobre o qual retomaremos mais adiante o Museo Bombicci de Bologna (D'Ascenzo, Vignoli 2008) ou aquele anexo à Escola pedagógica, fundado por Credaro no início do século XX (Barausse, 2004). No entanto, são ausentes estudos que centralizaram sua análise no desenvolvimento de exposições ou mostras didáticas em nível local ou nacional. Desse modo, para rastrear estudos, análises ou referências

¹ Doutor em Pedagogia e Professor de História da Educação da Universidade de Molise (Itália) e bolsista do programa pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Museu da instrução e da educação de Roma.

a exposições universais é necessário recorrer a raras contribuições italianas (Targhetta, 2010) ou a ensaios produzidos no exterior (Lawn, 2009).

Ainda é necessário escrever esta página da história da educação e da escola italiana, tanto do século XIX como do século XX. Através da contribuição que me proponho a apresentar, gostaria de focalizar algumas experiências diferentes de musealização da educação que acompanharam o processo de modernização do sistema escolar na Itália, no século XIX e início do século XX, a fim de indicar alguns elementos-chave para a interpretação deste fenômeno. Em particular, o nascimento de iniciativas de museus será colocado em estreita correlação com a circulação internacional de uma nova sensibilidade em torno de museus e exposições, tanto na seara pedagógica, como no nível político escolar ligado ao nascimento ou consolidação dos estados nacionais. Em segundo lugar, será destacado o desenvolvimento e a presença de uma tipologia diferenciada de espaços museológicos - museus e exposições didáticas - organizados segundo a modernização das práticas pedagógicas e didáticas, promovidas por atores e sujeitos de diferentes naturezas.

O processo de musealização da educação, portanto, deriva de uma série complexa de fatores que constituem, também, um pouco as premissas. Em primeiro lugar, esse processo coloca-se ao longo de duas linhas de tendência mais gerais que caracterizam o século XIX e que são aparentemente contraditórias. Por um lado, encontram-se dentro das complexas dinâmicas que acompanharam a formação dos novos estados nacionais, incluindo formas de desenvolvimento econômico no sentido industrial e de sistemas de instrução. Trata-se de um processo que, no entanto, caminha em uma estrutura onde há o crescimento de relações transnacionais ou dos processos de internacionalização das relações sobre as múltiplas vertentes e, em particular na frente política agrícola-industrial, primeiro, e, depois, as políticas escolares e pedagógicas (Targhetta, 2010). Alguns estudos recentes realizados em nível nacional ou internacional destacam o papel desempenhado pelas exposições universais como os principais veículos de transmissão dos princípios da modernidade, não só no campo artístico-industrial, mas, também, no campo pedagógico e didático (Lawn, 2009; Viola, 2016). Sem essa contextualização, não poderíamos explicar a maturação, em algumas décadas, da ideia e, portanto, da realização das diferentes realidades dos museus em vários países, não apenas na Europa, mas em todo o mundo. Como se sabe, a proposta de dedicar um museu à escola tem suas origens no contexto global do século XIX. Museus pedagógicos surgiram ao longo de vinte e cinco anos na Inglaterra (1851), Canadá (1856), Rússia (1864), Áustria (1872), Holanda (1877), Japão (1877), Hungria (1878), Bélgica (1878), Suíça (1876-1880), França (1879), Espanha (1882), Portugal (1882), Alemanha, Canadá e Estados Unidos (Romano, 1911; Calò, 1933).

Mesmo na Itália, a disseminação de iniciativas de museus e exposições relacionados à instrução ou à educação foi transmitida, inicialmente, através da organização de eventos destinados a melhorar a visibilidade da produção industrial, como mostra uma recente contribuição de Viola (2018). Essas manifestações foram expressas em conjunto com a crescente demanda por exposições didáticas promovidas nos níveis local, provincial e municipal, para despertar um movimento de renovação das práticas de ensino e circulação de inovações que foram apresentadas em encontros internacionais no campo das artes plásticas. Um primeiro momento importante, nesse sentido, foi o que se seguiu à realização da exposição universal de Paris, em 1867. Mostras didáticas, por exemplo, foram organizadas em Bergamo, por ocasião da Exposição Provincial de Belas

Artes.

Um segundo fator de desenvolvimento, por outro lado, estava ligado ao desenvolvimento do sistema educacional nacional italiano e à modernização pedagógica que afetou as escolas e o corpo docente na segunda metade do século XIX. Assim, um dos veículos mais significativos para a divulgação de museus e mostras didáticas foram os congressos pedagógicos. O desenvolvimento dos primeiros congressos da sociedade pedagógica italiana (Bucci, 1989) foi acompanhado pela realização de exposições didáticas destinadas a premiar os produtos inovadores realizados tanto por professores, diretores e inspetores educacionais, quanto por escolas. Particularmente significativos foram os congressos organizados em Gênova, em 1868, em Turim, em 1869, e em Nápoles, em 1871, (Atas do VII Congresso Pedagógico Italiano, 1871). Em Gênova, foi sediada, pela primeira vez, uma mostra de caráter didático acompanhada da concessão de medalhas ao mérito para aparatos didáticos, escritos educativos ou para vários tipos de trabalhos que faziam parte da exposição (Atas do VII Congresso Pedagógico Italiano). Mas, uma dimensão particularmente importante para o ensino intuitivo foi aquela alcançada por ocasião da realização do congresso pedagógico nacional de Roma em 1880 que, por exemplo, atribuiu vários prêmios para escolas ou professores que distinguiram-se na aplicação do método intuitivo, tema central do evento. Naquela ocasião, os museus foram, também, objeto de atenção particular, conforme veremos (Atas do XI Congresso Pedagógico, 1881).

2. Os Museus Pedagógicos de Iniciativa Estatal. O nascimento do Museu da Instrução e da Educação de Roma, do Museu Pedagógico de Palermo e do Museu Pedagógico de Nápoles

É, portanto, nesse contexto muito complexo, e em grande parte ainda a ser delineado, que as experiências museais educativas na Itália começaram. Como se sabe, a primeira iniciativa construída em bases nacionais foi aquela promovida por Ruggero Bonghi (DBE, 2013). Com o decreto de 15 de novembro de 1874, assinado conjuntamente pelo Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, ele instituiu o primeiro Museu da instrução e da educação³, que seria, também, seguido pelo decreto que estabeleceu a biblioteca circulante⁴. O museu da instrução foi construído após a participação direta do ministro na Exposição Universal de Viena. No relatório de apresentação ao Rei, para a aprovação do decreto, o ministro retomou as palavras e o espírito de comparação que animaram o relatório preparado após a exposição de caráter mundial. Bonghi lembrou que o Museu da instrução e da educação:

deve ser uma instituição, destinada a coletar, a comparar constantemente todos os objetos adequados para fazer parte de uma exposição universal. Deve, por exemplo, reunir as plantas das melhores escolas que são construídas nos estados civis da Europa e da América; procurar se alguma inovação útil foi introduzida na higiene das crianças em idade escolar ou na maior facilidade do estudo: estudar todas as questões que são seguidas na construção da escola; e di-

3 R. Museu da Instrução e da Educação. Relação de S.M. e Decreto de instituição do Museu, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione* [de agora em diante: BUMPI], vol. I, n. I, p. 65, 1874-1875.

4 Com o decreto de 31 de janeiro de 1875 instituiu-se também a biblioteca circulante, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol. I, n. IV, p. 251-252, 1875.

vulgar em cada parte do país uma notícia exata fundada; e informar sobre as soluções que fornecem os Municípios, as Províncias, os particulares que precisam deles. Isso deve ser feito para a mobília, os utensílios, os materiais didáticos, os livros. Em suma, o Instituto tem que ser ordenado de modo a poder, juntos, reunir e entender o que recolhe. E ele mesmo deve (Relatório Bonghi, 1874, p. 65).

O objetivo das políticas escolares pós-unificação para favorecer a uniformidade didática - mesmo material - nas escolas, especialmente as elementares, colidiu com as dificuldades geradas pelos limites do sistema jurídico italiano, que atribuía a municípios a competência pela educação básica. Na maioria dos casos, a escolha do mobiliário escolar foi “determinada várias vezes sem qualquer competência especial, ou escolhida aleatoriamente e como se não houvesse dúvidas, ou com o conselho do livreiro mais próximo ou com o carpinteiro de confiança” como declarou Ruggero Bonghi no relatório anexo ao decreto institucional (Relatório Bonghi, 1874: 66).

O real Museu da Instrução e da Educação, inaugurado em 19 de junho de 1875, foi instalado nas salas do Colégio romano (Museo dell’istruzione, 1875) até ser anexado, posteriormente, em 1881, à Cátedra de Pedagogia da Universidade “La Sapienza”, em conjunto com a redefinição de pessoal. No discurso inaugural, o primeiro diretor da estrutura, o geógrafo Giuseppe Dalla Vedova lembrou a importância do Museu no âmbito do papel fundamental desempenhado pela escola dentro de uma sociedade, a italiana pós-unitária, considerada pelo geógrafo ainda muito frágil e desequilibrada, por ser fortemente dividida em dois grupos sociais ainda separados e condicionados pela ausência de uma classe média. Considerações comuns para uma boa parte da elite dominante liberal que pretendia favorecer a realização de um grande projeto político educacional e ético, aquele de um Estado e de uma sociedade marcados por “segurança e prosperidade” e, portanto, apoiados não por uma plebe inculta, mas por um povo consciente (Museo dell’istruzione, 1875: 5-7). Dalla Vedova colocou o Museu no marco das grandes diferenças nos sistemas e condições das escolas entre os vários estados, diferenças que, em sua opinião, provocaram o grande atraso da Itália. Havia muitos fatores que determinavam o atraso da escola italiana, cuja explicação baseava-se nos diferentes caminhos históricos, nas pesadas condições sociais e culturais presentes nas diferentes sociedades nacionais. Para explicar o atraso da sociedade italiana ele recorria, também, à forte presença de um clero hostil; uma argumentação que pertencia à bagagem ideológica típica de alguns integrantes da classe liberal da época (Museo dell’istruzione, 1875: 8). Um estado de atraso que afetou acima de tudo a condição e o despreparo dos professores sobre os quais era necessário intervir:

a boa escola é feita não somente por bons regulamentos, como, também, por bons professores [...] o professor precisa da aplicação das normas oficiais, não da manualidade do trabalhador, mas, sim, da faculdade de adivinhação do artista; e depois que as escolas normais prepararam os professores aprovados, resta que o Estado venha em seu auxílio para transformá-los o mais rápido possível em mestres feitos [...] o bom professor deve saber muito, mas ele deve saber mais ainda ensinar (Museo dell’istruzione, 1875, p. 8).

Para este fim, Dalla Vedova indicou entre os objetivos do Museu aquele de constituir um suporte ao processo de mudança da cultura pedagógica e das práticas de ensino que naqueles anos pareciam exigir cada vez mais atenção para o método experimental e instrução intuitiva.

O Museu romano, portanto, foi construído com base em uma “exposição permanente” consistindo de livros, periódicos, aparatos, exemplares e modelos de todos os tipos, italianos e estrangeiros, relacionados ao ensino e à pedagogia de escolas primárias e secundárias. Assim, foi possível aos seus visitantes ter acesso à coleção e estudar os objetos expostos; usufruir da sala de leitura com jornais pedagógicos italianos e estrangeiros; aproveitar a biblioteca circulante, composta por livros destinados ao ensino; acompanhar a evolução do material e do debate em torno de sistemas escolares através das páginas da revista *Il Giornale del Museo d’istruzione e di educazione*⁵:

Caberá, portanto, ao jornal toda a informação fundamentada sobre o material escolar, desde o prédio até o banco da escola, do planetário ao abecedário; sobre o valor de fato, os eventos e subsídios de todos os ensinamentos individuais: sobre os regulamentos, os limites, a distribuição, os métodos e as reformas mais convenientes ou recomendáveis, em uma palavra sobre todos os problemas pedagógicos e didáticos do ensino primário e secundário, normal, clássico e técnico, na qual o trabalho dos mestres mais eruditos, sábios e laboriosos de cada nação é exercido (Programa, 1875, p.2).

Entre os materiais do Museu, um lugar crucial foi ocupado por livros e periódicos sobre legislação escolar, pedagogia e didática que permitiram desenvolver “relatórios e estudos comparativos úteis” (Programa, 1875: 2), juntamente com as ricas coleções para as quais o Museu poderia aproveitar, além da competência específica de vários professores, também a disponibilidade oferecida por esse mundo de publicações escolares, a partir de Paggi, Paravia e Loescher, que há algumas décadas, como sabemos, identificaram na escola, e em tudo que girava em torno dela, um grande mercado, de forma a oferecer gratuitamente as coleções produzidas por seus próprios catálogos. Mas, para garantir a circulação de um material escolar capaz de incidir na modernização dos espaços e práticas escolares, nos primeiros cinco anos produziu-se um verdadeiro catálogo que hoje é uma fonte muito útil para reconstruir a circulação dos diferentes modelos de artigos relacionados ao mobiliário didático (R. *Museo dell’istruzione*, catálogo, 1878).

O museu da instrução e da educação nacional foi, também, local e veículo de conferências anuais específicas destinadas a promover a modernização didática. Tais circunstâncias visavam não apenas ilustrar a própria instituição do museu, mas, também, “obter conhecimento exato das coleções escolares do museu com relação à aplicação que poderiam ter no ensino elementar” (Carminati, 1877: 209-210). Inicialmente, os animadores de tais conferências eram os inspetores - “os olhos do governo”, como os definiu o diretor do museu Dalla Vedova -, mas, posteriormente, o espectro de oradores expandiu-se para incluir provedores, diretores e diretoras das novas escolas magisteriais e muitos representantes de escolas particulares e do mundo associativo reunidos em torno das Ligas para a instrução popular (Corriere Pedagogico, 1878). Há vários traços que as fontes impressas nos revelam, mas que foram pouco investigadas. Tanto o

5 O Jornal do Museu da instrução e da Educação

*Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*⁶ (*BUMPI*) como *Il Giornale del Museo d'istruzione e di educazione* reproduzem os resumos dessas conferências. Durante o ano de 1878, por exemplo, as conferências giraram em torno do tema da escola popular e das escolas magistrais. Em particular, muitas conferências foram orientadas para aprofundar o ensino das disciplinas que compunham o currículo das escolas de ensino fundamental através da aplicação do método experimental (Sunto, 1875, pp. 1-31)⁷.

Após a demissão de Dalla Vedova, a direção do museu foi assumida em novembro de 1877 por outro professor da Universidade de Roma, o filósofo e pedagogo Antonio Labriola (Siciliani De Cumis, 2013), cujo compromisso foi orientado para dar continuidade à instituição de Bonghi (Sanzo, 2012: 3), marcando cada vez mais a função de auxiliar a formação de professores.

3. Os museus pedagógicos universitários de Palermo e de Napolés

A iniciativa ministerial, no entanto, não foi a única a ser promovida na época. Uma outra realização museal amadureceu no contexto da Universidade de Palermo (Marino, 2004) e, em particular, em torno da figura de Emanuele Latino, professor de pedagogia (Costa, 1990; Letterio DBE, 2013). Também nesse caso somaram-se o impulso à modernização das práticas pedagógicas, e a circulação internacional de trocas pedagógicas a fim de gerar interesse no estabelecimento do museu. Em 1876, por ocasião da importante assembleia intelectual do congresso de cientistas e, em particular, no contexto do debate realizado na aula de filosofia e pedagogia do congresso, aprovou-se, por unanimidade, a proposta apresentada por Emanuele Latino - apoiada pelo senador Mamiani - para instituir museus pedagógicos em todas as universidades, onde havia ensino de pedagogia ou do magistério. Outras razões para a criação de um museu, Latino as desenhou - como Bonghi alguns anos antes - da designação dada pelo ministério para visitar a exposição internacional de 1878 que ocorreu em Paris e relatar os eventuais “progressos que daquela mostra resultariam efetuados em torno da instrução elementar das nações civis” (Recensione, 1883: 337). Emanuele Latino recolheu, assim, as observações, críticas e propostas relativas a vários temas, como edifícios escolares, mobiliário escolar, a ação das escolas e do trabalho manual sobre a saúde dos alunos, a cultura dos sentidos em seus relacionamentos com a evolução dos centros nervosos e com a formação psíquica, o trabalho manual como forma de instrução educacional. Os relatórios de Latino, depois reunidos em um único volume, constituíram, sem dúvida, uma base sólida para orientar os estudos pedagógicos na direção da pedagogia científica, concebida como uma disciplina capaz de recorrer a diferentes conhecimentos antropológicos - do fisiopsicológico ao etno-sociológico - para além dos de natureza sociológica e ética (Latino, 1883). Apesar da insistente pressão exercida pelo Ministério da Instrução Pública, Latino rejeitou a proposta de assumir o compromisso econômico considerável exigido pela fundação do museu, até que o ministro De Sanctis ofereceu-lhe a possibilidade de iniciar a experiência por meio de uma estratégia que ignorava, na verdade, decisões ministeriais preliminares. De fato, o ministro expressou sua disposição de encorajar a instituição do museu ao invés de promovê-lo. A partir dessas indicações, Latino doou ao

6 Boletim oficial do Ministério da Instrução Pública

7 Entre esses, para exemplo ver: Resumo das conferências educativas realizadas no Museu Pedagógico de Roma pelo prof. Cav. Giovanni Boschi fundador e diretor da escola elementar da Universidade Galileo Galilei de Nápoles, extraído da Universidade Ano II, Fascículos I e 12.

governo uma coleção comprada durante a exposição universal em Paris e, até então, usada para seu ensino universitário e pediu em troca ao ministério os custos de instalação do museu e um empréstimo anual (Panciera, 1879, pp. 186-198). Assim, em 18 de novembro de 1880, o ministério emitiu o decreto n. 5734 que formalizou a criação, em Palermo, do museu pedagógico que seria sediado na Universidade (Novo Museo Pedagogico, 1880). No relatório introdutório do ministro ao rei, De Sanctis, argumentou que “a utilidade prática dos museus pedagógicos não é mais questionada por ninguém” (Cronaca, 1883, p. 302). O objetivo, como afirmado na disposição, era “coletar, para que sejam conhecidos e difundidos os objetos e publicações que aderem ao ensino, ao fornecimento e instalações de escolas elementares, e, em geral, a todos os novos subsídios que vêm gradualmente planejando uma maior eficácia e um aumento na arte de instruir e educar” (Cronaca, 1883, p. 303). Para apoiar o trabalho, a direção, valendo-se das faculdades concedidas pelo ministério, nomeou como seus assistentes o inspetor real do distrito de Termini Imerese Francesco Positano e o professor de pedagogia da escola normal de Chieti, Andrea Gelmini (Cronaca, 1883, p. 305). Em 2 de outubro de 1881, com um novo decreto de Baccelli, o museu passou para a Universidade de Palermo, da qual fazia parte como um estabelecimento científico ligado à cadeira de pedagogia. A partir de novembro de 1879, momento de sua fundação, a abril de 1880, o ministério financiou dois subsídios, um de mil liras e outro de 500 liras. Um subsídio de 3600 liras foi concedido para compras e 2400 para pagamento de pessoal. Recebeu, também, um diretor e dois assistentes, cujas remunerações eram 700, 1000 e 600 liras anuais, respectivamente. Mesmo após a transferência para a universidade, o museu continuou a receber um subsídio de 1500 liras para compras e 1900 liras para pessoal⁸. Assim, foi possível criar, graças também a novas e maiores instalações dentro da Universidade de Palermo, uma exposição enriquecida por inúmeras coleções valiosas:

Entre as muitas coleções que estão reunidas, vale a pena mencionar a coleção completa de documentos de relevo de Pigeonnau publicados pelo Belin de Paris; os quadros murais para o estudo da geografia física e a coleção dos tipos de raças humanas, compradas do Museu Pedagógico de Petersburgo; uma coleção inteira de jogos e materiais para o ensino froebeliano; um belo álbum de história natural; a coleção dos modelos para o estudo da antropologia física do Professor Bock di Lispisa, a mais bela e a mais perfeita coleção deste tipo; a coleção de pinturas murais para o ensino objetivo de Deyrolle, a qual devido à riqueza e beleza dos tipos (são mais de cem quadros, e quase todos eles são magistralmente ordenadas), pela precisão e pela sobriedade das definições e das clareiras que se encontram no fundo de cada quadro é o mais belo e o mais completo de todos que foi feito até agora (Panciera, 1879, p. 188).

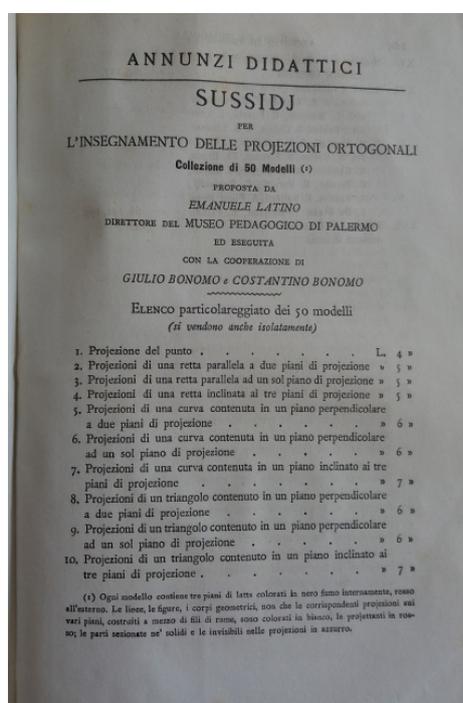
Mas, ao lado da exposição de objetos e coleções escolares já estabelecidas em outros contextos europeus, o museu de Palermo apresentou a originalidade de criar suas próprias coleções, entre elas: a planta colorida de relevo da cidade de Palermo; os quadros de parede para ensinar a nomenclatura botânica e o desenho ornamental, auxiliares de ensino para o estudo de órgãos

8 Passagem do Museu Pedagógico de Palermo para aquela da Universidade e seu papel orgânico, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol.VI, n. XI, p. 872-873, 1881.

sensoriais a complemento daquele de Bock; algumas tabelas representativas de vegetação submersa; coleções de tipos de raças humanas para o ensino básico de ciências etnográfico-antropológicas; os auxílios para o ensino de projeções ortogonais no campo geométrico, o modelo de banco escolar e uma cadeira, adotadas pelo convento do colégio Vittorio Emanuele, em Palermo.

O aspecto interessante a ser considerado para futuros aprofundamentos é a dimensão comercial que afeta essas instituições. O Museu Pedagógico de Palermo, por exemplo, comercializou os auxílios didáticos que criou, como é possível deduzir a partir do seguinte anúncio publicado na revista *Archivio di Pedagogia e Scienze Affini* que foi voz da disciplina de Pedagogia da Universidade de Palermo e do Museu também:

Figura 1 – Anúncio de Produtos Para Ensino de Projeção Ortogonal



Fonte: Archivio di Pedagogia e Scienze Affini, vol. IV, n. 6, 1879, contracapa.

O aspecto comercial era gerido pela administração da revista e as coleções também podiam ser compradas nas livrarias de Palermo de R. e L. Sandron, de L. Pedone Lauriel, enquanto que em Roma, Turim, Florença e Milão foi possível recorrer às livrarias E. Loescher e G.B. Paravia e C.

Os poucos estudos existentes não se debruçam sobre os tipos de escolas para as quais as coleções foram direcionadas. No entanto, existem fontes através das quais é possível deduzir a circulação das coleções. Os objetos produzidos pelo museu pedagógico de Palermo foram adotados por vários institutos estaduais e privados, não apenas da Universidade e da escola secundária Vittorio Emanuele, mas, também, da Escola Técnica e do Ginásio de Termini Imerese (Panciera, 1879).

Entretanto, uma instituição museológica semelhante foi instituída em 3 de julho de 1887 em Nápoles. Através da emissão de um decreto definindo a aprovação do quadro de pessoal de vários estabelecimentos científicos das universidades, instituiu-se, de fato, o Museu Pedagógico anexo à cadeira de Pe-

dagogia na régia Universidade de Nápoles, nas mesmas condições que aqueles de Roma e de Palermo. Andrea Angiulli foi nomeado para a gestão da estrutura, que nomeou Giovanni Antonio Colozza como seu assistente (Tauro, 1903).

Os três museus pedagógicos estabelecidos nas universidades de Roma, de Palermo e de Nápoles, no entanto, encontraram um clima cada vez menos favorável nos anos seguintes e, no início dos anos noventa, o ministro Villari decidiu pela supressão dos três. O decreto de 11 de setembro de 1891 justificou com as seguintes palavras a decisão radical do ministro Villari:

Os museus pedagógicos fundados em várias cidades da Europa foram muito úteis para o ensino elementar, sobretudo aos professores e diretores das escolas populares, como às normais. Mas, nas universidades eles não têm o lugar apropriado, porque ali ensinam os princípios, métodos e história da ciência, não a prática do ensino elementar. E quando, a qualquer momento, os estudantes universitários podem examinar proveitosamente alguns objetos dos museus pedagógicos, não há dificuldade em fazê-lo onde quer que esses objetos se encontram. A criação de museus pedagógicos nas universidades leva à necessidade de gastos que, se são comparativamente tênues, se tornarão ainda maiores, tanto para materiais quanto para pessoal que seria aumentado. Além disso, a Pedagogia é uma disciplina obrigatória em todas as faculdades de letras e, portanto, não apenas os Museus recém estabelecidos em apenas três universidades seriam ampliados, mas por equidade e justiça deveriam ser estabelecidos em todas as faculdades de filosofia e letras do Reino. [...] Outras nações que estabeleceram os Museus em benefício do ensino elementar não os colocaram dentro das universidades que são a sede natural do ensino superior e científico (Tauro, 1903, p. 18).

4. As outras tipologias do museu do século XIX: os museus anexos às escolas normais, os museus municipais e os museus das escolas

Ao lado dos museus pedagógicos que obtiveram financiamento e reconhecimento do ministério como emanção do Estado, também nos deparamos com o desenvolvimento de outras tipologias de museus pedagógico-educacionais de caráter local. A importância da lenta, mas progressiva difusão de museus pedagógicos ou museus escolares foi sublinhada pelo presidente da Associação Pedagógica Italiana e secretário geral do XI congresso pedagógico Giuseppe Somasca, que nessa circunstância afirmou:

Os museus, senhores, são agora a verdadeira escola dos mestres; para eles, a didática é intuitivamente erudita; eles são os livros mais fáceis de ler, os mais úteis para aplicar as ferramentas de ensino. A comparação dos métodos italianos com os estrangeiros, a redução das coleções a certos programas específicos e, finalmente, a abertura não só à visita dos curiosos, mas ao uso de estudiosos, os faz ou podem torná-los um imenso fator de progresso para as escolas italianas. Acrescenta-se que eles devem ajudar uns aos outros, trocar, aconselhar, dar a si mesmos; Por outro lado, é fazer votos que, em suma, todas as províncias e as cidades mais importantes da Itália,

como têm suas bibliotecas, têm seu próprio museu educacional
(Atos do XI Congresso Pedagógico, 1881, p. 567).

O presságio de Somasca partiu do enraizamento progressivo das instituições museológicas em contextos mais periféricos. Graças ao impulso determinado pelo movimento pedagógico positivista, os museus pedagógicos registraram certa difusão também na década de noventa. Existem vários rastros identificados para reconstruir o mapa dos museus pedagógicos e didáticos do século XIX, que merecem ser adequadamente investigados por meio de estudos locais, como foi feito com o museu de Bolonha (D'Ascenzo, Vignoli, 2008). Um primeiro tipo de museu é aquele ligado ao segmento de formação de professores, aquele das escolas normais. Merecem ser mais conhecidas as experiências do museu "Salvatore Pizzi" anexo à escola normal masculina de Caserta, ou do museu da escola anexo à escola normal masculina de Campobasso.

As escolas destinadas à formação dos professores foram uma das áreas mais sensíveis ao nascimento de museus pedagógicos ou escolares. A necessidade de acompanhar propostas de renovação didática com formas de aprendizado direto - de acordo com os princípios caros à pedagogia positivista - induziu os mais brilhantes professores de escolas normais a estabelecer estruturas museológicas funcionais aos itinerários formativos dos futuros professores e professoras. Entre as razões apontadas pela comissão instituída no congresso pedagógico nacional para atribuir à escola Normal de Campobasso o reconhecimento oficial do congresso, foram mencionadas a "gestão eficaz e a sábia ordenação", a disciplina exemplar e o proveito dos estudantes e, também, a rica biblioteca e o "pequeno, mas bem escolhido museu de objetos escolares" (Atas do XI Congresso, p. 110). O museu foi fundado pelo dinâmico diretor da escola, o professor de pedagogia Pierpaolo Fongoli, cujo perfil é fundamental para entender a atenção dada às sedes periféricas, como aquelas representadas pela escola de Molise e ao progresso da didática em uma direção positivista (Miceli, 2013). Uma ressonância ainda maior, em vez disso, tinha a instituição do Museu "Salvatore Pizzi di Caserta", estabelecido pelo professor Giuseppe (sic!) Giovanni Chiaia (Chiaia, 1879). A estrutura também foi anexa à escola normal masculina e, de acordo com o júri de honra estabelecido no 11º Congresso Pedagógico Italiano, constituiu a primeira aplicação que surgiu nas províncias do sul dos "estudos antropológicos e pedagógicos":

Centro de progresso, de emulação, deu vida e ficou conhecido pelo ensino intuitivo e racional. A isso devem-se às melhorias feitas nos móveis e edifícios em toda a província. Uma biblioteca circulante é anexa a ela e a escola Normal masculina de Caserta tem se beneficiado grandemente (Atas do XI Congresso, 1881, p. 872).

A ideia de dar origem a um museu dentro da escola normal masculina foi apresentada na delegação provincial de Caserta desde 1871, mas, somente três anos depois, foi aprovada uma primeira contribuição anual de 200 liras, à qual foram adicionadas 400 liras do conselho escolar provincial, em 1878 e 1879, e outra extraordinária contribuição da mesma delegação de 1500 liras. Tais financiamentos permitiram que a estrutura do museu fosse iniciada junto com a biblioteca circulante e pedagógica. É interessante notar que, também neste caso, o impulso para a criação da instituição do museu estava em parte ligado ao processo de internacionalização das relações pedagógicas que, outrossim, envol-

via professores e diretores de escolas menos conhecidos no cenário nacional. Chiaia, na verdade, foi comissionado pelos órgãos políticos administrativos da Terra di Lavoro – assim se chamava a área territorial à qual Caserta também pertencia – de visitar primeiro o Museu da Instrução e da Educação de Roma e, posteriormente, as melhores escolas normais e os museus pedagógicos de outros países. Estes incluíam o Pedagogium em Viena, a escola elementar do professor Grimme em Modling, perto de Zurique, a qual também possuía o museu escolar e as salas da Exposição Universal de Paris, em 1878. Na capital francesa, foi acompanhado por Ferdinand Buisson em um itinerário finalizado para aprofundar o conhecimento das escolas.

A partir de então, o museu foi visitado por inspetores, professores, delegados acadêmicos, diretores de institutos particulares, professores e “operários carpinteiros” que puderam apreciar a tentativa de modernizar as práticas de ensino e a profissão docente. A intenção do fundador, na verdade, era contribuir na formação de professores capazes de se adequar a um modelo escolar entendido como um “templo laico”:

bons professores elementares que saíram da escola já tinham o ideal de sua nobre missão e o verdadeiro conceito do templo laico em que espalhavam as sementes da educação nacional (Chiaia, 1879, p. 4).

Tais figuras foram animadas pela convicção de que não apenas uma escola mais higienicamente estruturada facilitaria a frequência escolar, mas também que:

estudando sobre móveis e mobília escolar pode-se na Itália, e em nossas províncias, criar outro ramo industrial, que em Londres faz prosperar as casas Colmann-Clendinning e Hammer, em Paris Lenoir e Walcher, em Viena Forster e Ieflitscek e em Turim a casa Paravia (Chiaia, 1879, p. 5).

Em suma, o promotor do museu de Caserta estava ciente da profunda conexão entre desenvolvimento e modernização do sistema escolar e do setor industrial. Uma gama mais ampla de ação, não limitada exclusivamente à esfera das escolas normais, tinha vez em outros museus de caráter escolar estabelecidos pelos municípios, como o promovido em Bolonha e Gênova. Se a experiência de museu promovida na capital da Emilia-Romagna pelo professor universitário Luigi Bombicci (D’Ascenzo, Vignoli, 2008) é bem conhecida, a surgida na capital da Ligúria por iniciativa do inspetor provincial Innocento Ghini e do vice-conselheiro para a Educação Pública P.M. Garibaldi é menos. Em Gênova, em 1º de setembro de 1881, foi inaugurado o museu pedagógico e escolar e a biblioteca circulante para os professores e o espaço foi individualizado na mesma sala em que atuavam várias instituições educacionais, como o liceu Doria, o ginásio cívico, a escola real técnica masculina, a escola magisterial masculina provinciana, a escola cívica elementar feminina. Também neste caso, foi o município genovês que apoiou financeiramente a iniciativa do museu através do fornecimento de uma contribuição de 500 liras por ano e o apoio de um professor elementar que ajudou o diretor. O gosto e a sensibilidade pelas experiências adquiridas no exterior também orientaram os fundadores do museu genovês na realização da preparação para a qual foram inspirados pelos mesmos critérios seguidos pelos

museus de Paris e Petersburgo (*Il civico museo*, 1883). Na organização foram expostos modelos de mobília escolar, objetos de auxílios para o ensino, amostras para aplicação em práticas de ensino baseadas em observação e experiência direta. Nas salas do museu genovês eram organizadas conferências promovidas por inspetores, diretores e professores para difundir o método intuitivo nas práticas de ensino. Assim, os modelos exibidos no museu – tais como os bancos escolares - foram solicitados por várias escolas, cujos líderes eram bastante sensíveis à ideia de favorecer uma adaptação ao método racional (*Il civico museo*, 1883, p. 10).

Finalmente, é necessário destacar a crescente circulação e difusão de uma nova tipologia de museu escolar estreitamente associada à introdução dos novos programas lançados pelo Ministro Boselli, em 1888, sobre o método experimental e sobre a didática intuitiva que revisitaram os conteúdos a serem transmitidos nas escolas elementares. O desenvolvimento e a aplicação dos novos programas ofereceram a oportunidade de expandir ainda mais a rede dos museus escolares e a difusão de coleções específicas com curadoria individual de professores: “Se há uma coleção de objetos na escola, naturalmente o professor não vai deixar de se preocupar com isso”, escreveu Aristide Gabelli nas instruções gerais (Relatório Gabelli, 1888, p. 498). Tratava-se, portanto, de mais uma tipologia de museu destinada a reforçar os impulsos de renovação didática dentro do corpo docente especificamente das escolas elementares. Uma tipologia que teria sido enriquecida ainda mais com as escolhas de Baccelli, amadurecidas no final do século para apoiar algumas mudanças na ordem escolar relacionadas ao trabalho educacional, ao trabalho doméstico, à economia doméstica, à higiene e ao ensino prático das primeiras noções da agricultura. Muito pouco se sabe sobre a introdução progressiva nas escolas elementares de tais formas inovadoras de prática escolar. No entanto, a capacidade dos professores para introduzir o uso prático de objetos educacionais e auxílios didáticos funcionais ao desenvolvimento do ensino intuitivo foi reconhecida pelo ministério como um dos critérios para atribuir títulos de mérito e medalhas a professores e professoras (Barausse, 2019). A penetração gradual nas atividades escolares da presença de museus escolares deste tipo é evidenciada por vários tipos de fontes. Entre essas atividades, a realização de uma das muitas mostras didáticas nacionais promovidas na última década do século XIX; a que foi realizada em Roma paralela ao desenvolvimento da manifestação agrária e que viu a participação de escolas normais e elementares, urbanas e rurais de 54 províncias (Exposição agrária, 1899). A partir do catálogo da exposição agrícola organizada pelo Ministério da Instrução Pública em 1899, em Roma, é possível, por exemplo, registrar a presença de um número decididamente maior de museus escolares ou didáticos e a coexistência das diferentes formas de museu:

Quadro I – Museus Escolares nas Escolas Italianas, Século XIX.

Localidade	Tipo de Escola	Tipo de Museu	Referente
Ariccia (RM)	Escolas Elementares	Museu Escolar	
Arquata del Tronto	Escola Elementar	Museu Escolar	Giulia Alessandrini
Arzignano		Museu Escolar	Insegnanti
Bari		Academia	Pezzarossa
Bisenti (Teramo)		Museu Escolar	Teodoro Lupinetti
Bologna		Museu Escolar	Luigi Bombicci

Caserta	r. escola normal	Museu Pedagógico	
Cerveteri (RM)	Escola Elementar Masculina	Museu Escolar da "Lição das Coisas"	Carlo Budini
Città della Pieve		Academia	
Città s. Angelo (Teramo)	Escola Elementar Masculina	Coleções	Manaira
Costabissara (VI)	Escola Elementar	Museu Escolar	
Elena (Ce)	Escola Elementar	Museu Escolar	Nicola Pecorini
Fagnano Castello (CS)	Escola Elementar	Museu Didático	
Fiano Romano (RM)	Escola Elementar	Museu Escolar	Angelo Tortoreto
Lari (PI)	Escola Elementar	Museu Escolar	Michele Sottocasa
Lodi	Escola Normal Feminina Equiparada	Museu Escolar	
Montemonaco (AP)	Escola Elementar	Museu Escolar	
Montottone (AP)	Escola Elementar	Museu Escolar	Tommaso Ferracuti
Ortonovo (GE)	Escola Elementar	Museu Escolar	Ercole Cervia
Panni (FG)	Escola Elementar	Museu Escolar da "Lição das Coisas"	Generoso Manupelli
Parma	r. escola normal feminina	Museu Escolar da "Lição das Coisas"	
Pavia		Microcosmos Didático	Ferdinando Agabiti
Polla (AS)		Museu Escolar	Antonio Isoldi
Quistello		Museu Escolar	Amedeo Ruberti
Roma		Museu Escolar	Delicato Delicati
Roma		Museu Agrícola	
Rovigo	r. escola normal feminina	Museu Agrário	
S. Giorgio Murgeto (RC)	Escolas Femininas	Museu Escolar	Del Pozzo e Messina
S. Giorgio Murgeto	Escola Feminina	Museu Escolar	Giuseppe Villivá
S. Giorgio Murgeto (RC)		Museu Escolar	Gaetano Jerace
S. Vito Romano		Museu Escolar	
Torino	Escola Normal Masculina de Valsalice	Museu Escolar	
Torre S. Patrizio		Museu Escolar	

Fonte: Exposição Agrária de Roma, 1899. *Exposição didática para o ensino agrícola, o trabalho educativo e as pequenas indústrias domésticas. Catalogo*, Tip. Editora da Minerva, s.d. [mas de 1899]

O crescimento dessas formas de criação museal para fins educacionais, então, foi enormemente favorecido pelo crescimento da circulação de materiais, resultando no aumento e desenvolvimento da indústria educacional escolar. Cada vez mais editores começaram a colocar, em seus catálogos, coleções de materiais que levavam o nome de seu próprio museu escolar e que iam compor aquele conjunto de bens e objetos escolares que foram recentemente definidos como meios de educação em massa (Meda, 2016).

5. O renascimento dos museus universitários no início do século XX: o museu educativo anexo à Escola Pedagógica de Roma

Durante o início do século XX, a experiência dos museus pedagógicos viveu um novo renascimento graças, por um lado, à mudança do clima político e cultural que acompanhou o início do novo século na Itália e, mais particularmente, ao debate sobre a renovação da educação nacional (Chiosso); e por outro lado, devido ao contexto europeu, no qual se registrou a expansão do desen-

volvimento dos museus pedagógicos entre os anos de 1850 e 1881, o primeiro declínio até o ano de 1900, uma nova expansão ao longo dos primeiros anos do novo século até 1905 e um declínio rápido nos três anos seguintes.

Um dos estudiosos mais sensíveis à evolução da reflexão pedagógica centrou-se na necessidade de recuperar o que haviam sido as experiências adquiridas na segunda metade do século XIX. Giacomo Tauro, então professor em escolas normais e de livre docência de pedagogia na Universidade de Roma (DBE: 566-567), em um panfleto publicado em 1903, destacou a oportunidade de reconstituir um museu pedagógico (Tauro, 1903). O modelo ao qual ele se referia, no entanto, não era o de museus pedagógicos de nível universitário, mas, sim, aquele de Bonghi, tratado anteriormente. Não por acaso, ele ressaltou a necessidade de se utilizar um espaço, tanto para garantir uma análise aprofundada e comparativa entre os diversos sistemas escolares, quanto para o conhecimento sistemático das inovações introduzidas no campo das práticas didáticas e que continuaram a ter uma forte visibilidade no curso das Exposições Universais, como a de Paris havia mostrado (Tauro, 1903: 30-31). No momento em que os professores, através do sindicato nacional magistral e da federação de professores do ensino médio, iniciavam formas inovadoras de organização e representação sindical e profissional, enfatizando as reivindicações contra o Ministério da Instrução Pública, parecia “útil e apropriado” a reconstituição do museu que teria desempenhado uma significativa “função pedagógica e social” (Tauro, 1903: 33). Na realidade, a possibilidade de retomar o caminho da musealização da educação surgiu com as mudanças que, um pouco mais tarde, foram introduzidas para o aperfeiçoamento da formação de professores, no quadro mais geral da reforma do sistema de ensino elementar por iniciativa do ministro V.E. Orlando. Decisivo, na verdade, foi o estabelecimento, em dezembro de 1904, do curso de aperfeiçoamento para os formados das escolas normais, mais conhecido como Escola Pedagógica, em várias universidades italianas (Barausse, 2004). Em Roma foi Luigi Credaro quem reconstituiu o Museu pedagógico anexo à escola pedagógica e o modulou de acordo com novos objetivos.

As lacunas relatadas nos cursos de formação da classe docente, devido à inadequação dos estudos e à incidência limitada e ocasional de conferências didáticas, como oportunidade de atualização, estiveram na origem da ideia de Credaro de retomar a experiência dos Museus pedagógicos sobre a base das experiências e modelos oferecidos por Toronto, Londres, Petersburgo, Leipzig, Buenos Aires e, acima de tudo, pelo Museu da Instrução fundado por Ruggero Bonghi, em 1873. Na visão de Credaro, no entanto, o Museu Pedagógico devia ser configurado de forma diferente que aquela do passado, como uma estrutura de serviços e ferramentas auxiliares para a trajetória de formação dentro da universidade, particularmente caracterizando a dimensão profissional do professor em formação, mas também dos professores em serviço, a fim de retomar o processo de modernização e expandir sua cultura didático-pedagógica: “Devemos seguir com olhos atentos os fatos escolares nacionais e estrangeiros. A nossa escola deve ser um observatório pedagógico dos eventos mais importantes da Itália e de outras nações” (Credaro, 1908: 25). Para colocar nas palavras de um de seus mais vivazes e apaixonados animadores, sua função era ser “um centro de cultura pedagógica e didática, um centro de atividade que irradia sua ação além de suas paredes, que difunde e traz para o vasto campo da escola nacional (não só popular, mas também médio) uma contribuição perene e abundante de estudos e de progresso” (Zeno, 1913: 66). No cenário que Credaro quis dar ao Museu Pedagógico, havia a conscientização de que dentre os

motivos que marcaram a crise do desenvolvimento das estruturas museológicas educacionais estava não só a estabilização dos sistemas de ensino, mas, também, o crescimento do envolvimento de muitas sociedades de natureza empreendedora, incluindo editoras, na produção de materiais escolares.

O Museu pedagógico assistiu o nascimento e o desenvolvimento de importantes sociedades privadas, como a A. Pichler House na Áustria, o Koch Albert em Stuttgart e o Max Kellerer em Munique na Alemanha, Emile Deyrolle em Paris e J. Arnolds em Leeds que ofereciam várias coleções para diferentes tipos de escolas. Particularmente especializadas no setor de pinturas murais eram então o Dietrich Reimer de Berlim, o C.C. Meinhold em Dresda, o Wachsmutt em Leipzig (Zeno, 1913: 66). Mesmo na Itália, editoras como Paravia e Vallardi, em seus pontos de distribuição em grandes áreas urbanas, como Turim, Milão, Roma e Nápoles, já haviam preparado exposições, acompanhadas de catálogos cada vez mais ricos. O Museu Pedagógico de Roma, portanto, propôs ser uma instituição destinada à coleta e colocação seja de documentação científica, seja de materiais didáticos e auxiliares, de pesquisa e trabalho feito por professores e alunos de acordo com as novas metodologias, de livros e de revistas pedagógicas italianas e estrangeiras. Ele visava:

recolher ricas coleções de material didático classificadas de acordo com a ordem dos materiais de estudo dos programas oficiais; instituir serviços de empréstimo para objetos, aparelhos (os mais simples), quadros de parede, dispositivos; ser uma coisa viva que exerce uma ação constante sobre o progresso do método e sobre a produção de bom material escolar e, portanto, para dar aos mestres os melhores meios para estudar e preparar suas lições práticas, as autoridades têm a oportunidade de ver o progresso que estão fazendo no exterior no campo da instrução pública e aos editores a oportunidade de imitar e melhorar a produção nacional de material didático (Zeno, 1909, p. 25).

O nascimento do Museu foi acompanhado por uma fase de preparação que durou de 1906 a 1909. Durante este período, Credaro moveu-se com o objetivo de favorecer a aquisição das várias experiências existentes através do desenvolvimento, especialmente em 1908, de algumas viagens na Europa. Credaro, inicialmente, contratou um de seus colaboradores mais próximos, Raffaele Zeno, para visitar os museus na Suíça (Berna, Friburgo, Neuchatel, Lausanne, Lucerna, Zurique), o Museu de Paris, bem como os museus de Bruxelas, Amsterdã e Colônia. Geralmente, estas visitas foram acompanhadas pela presença de algumas lições realizadas nas escolas das cidades para enriquecer ainda mais o conhecimento dos métodos didáticos. Um trabalho semelhante foi desenvolvido pelo secretário da escola pedagógica, Bertini Calosso, durante uma viagem de instrução que o levou a Viena, Munique, Bamberg, Berlim, Bruxelas, Paris e Gênova (Zeno, 1909: 23). Finalmente, Credaro foi para a Alemanha para desenvolver um “plano geral de classificação” (Credaro 1908 apud Barausse, 2004: 38). Ao mesmo tempo, ele trabalhou para encontrar novos recursos econômicos e espaços, através de tentativas diretas no ministério, na maioria das vezes sem sucesso. A atenção do professor de pedagogia ao desenvolvimento do Museu também foi atestada pelas constantes escolhas feitas dentro do conselho diretivo da Escola, para direcionar parte das somas provenientes das mensalidades escolares para a gestão do Museu e não ceder às solicitações de devolver as

mesmas a remuneração dos professores. O objetivo do educador de Valtellina era de permitir, através do Museu, a criação de uma verdadeira “escola elementar modelo” de acordo com a experiência de outras universidades (Barausse, 2004, p. 38).

A vontade de assegurar maior força e autonomia ao museu no âmbito das estruturas destinadas ao crescimento cultural e profissional na categoria magisterial e na gestão escolar foi, aliás, atestado pelo fato de sua gestão não coincidir com a da direção do Curso de aperfeiçoamento, mas com a dos professores de Pedagogia e dos Exercícios de Pedagogia. O primeiro diretor do museu, na verdade, foi Luigi Credaro. A partir de 1911, para coincidir com a nomeação ministerial do deputado e professor valtelinese, a direção do museu foi assumida pelo professor de pedagogia Bernardino Varisco. Na fase inicial e de ordenação do Museu, Credaro valeu-se da colaboração de mestres elementares e inspetores conhecidos não apenas pelos romanos, mas também pela realidade magisterial nacional, como Raffaele Zeno e Maria Cleofe Pellegrini (Barausse, 2004, p. 39).

A classificação do Museu seguiu como critério informativo a própria matriz herbartiana dos temas de estudo previstos pelos programas oficiais das escolas elementares e populares aprovadas, em 1905, pelo ministro Orlando. Todo o material coletado nos primeiros três anos foi assim dividido em oito seções: 1) Geografia especial (Lazio), Geografia particular; 2) (Itália), Geografia geral (Europa - as outras partes da terra), Cosmografia; 3) Botânica, zoologia, anatomia, fisiologia humana, higiene; 4) mineralogia, física, química; 5) indústrias; 6) História particular (Itália), história geral, história da civilização humana; 7) Desenho geométrico, aritmética, leitura, escrita, canto, ginástica, material didático vaio; 8) Suplementos, edifícios escolares. Da concepção de Herbart, na verdade, derivou a centralidade da geografia e a divisão das disciplinas. A sexta seção da história, por exemplo, foi concebida como uma ciência dedutiva com relação àquelas previstas nas primeiras cinco seções indutivas, uma vez que “depende mais simplesmente da tradição e da autoridade” (Zeno, 1909, p. 27).

Progressivamente, nesse período, as instalações do Museu e da biblioteca registraram um aumento significativo por meio de novas compras e doações. Também a compra do material seguiu um critério muito preciso: o de permitir, em primeiro lugar, a difusão das ciências experimentais e, em particular, das ciências naturais, química e física (Zeno, 1911, pp. 58-68). Entre as inúmeras coleções de material didático, as mais importantes eram constituídas da coleção de minerais (Catalogo, 1909, pp. 41-78). Tratava-se de uma escolha ligada também à vontade de favorecer a superação das muitas dificuldades expressas e manifestadas por boa parte da categoria magisterial de desenvolver uma capacidade didática em âmbitos disciplinares que se mantiveram subordinados em relação à cultura literária humanista tradicional. Apenas as dificuldades econômicas impediram a conclusão do enriquecimento do material para a introdução de inovadores auxílios didáticos no ensino da história nacional, tais como as pinturas murais e as projeções de luz que constituíam um conteúdo essencial na abordagem credariana da maturação de uma educação nacional sólida: “O ensino da história nacional, além do professor educado e animado por um sentimento patriótico profundo - primeiro e mais importante fator de um ensino histórico eficaz - recebe subsídios das pinturas, sejam eles murais ou dados de projeções luminosas” (Catalogo, 1909, pp. 41-78).

O objetivo de constituir um ponto de referência local para professores, gestores escolares e autoridades institucionais centrais e periféricas foi a

base dos contatos promovidos com editoras para a disseminação e divulgação de novos materiais didáticos experimentados no Museu. Essa finalidade estava prevista no Consórcio para as bibliotecas populares de Turim, que almejava desenvolver uma coleção de dispositivos luminosos específicos e estabelecer contatos com algumas fábricas para um melhor conhecimento dos produtos industriais. O Consórcio funcionava como uma verdadeira sociedade de serviços didático-educacionais sem fins lucrativos, semelhante aos Serviços de Projeções luminosas do Museu de Paris (Zeno, 1911, p. 60). Além disso, o Museu era um órgão não isolado do contexto urbano, mas um centro ativo de iniciativas com o território circundante. Não por acaso, após os relatos reportados mensalmente pela “*Rivista pedagogica*” e pelos relatórios dos anuários, o Museu representou uma oportunidade para promover a cultura pedagógica científica entre os professores das escolas romanas, possibilitada pela realização de conferências específicas nas escolas primárias de Roma. Um acordo com a administração municipal de Roma permitiu o desenvolvimento de visitas e aulas fora do museu para os anos entre 1909 e 1910. Uma contribuição considerável para a atualização cultural dos professores foi oferecida pela biblioteca pedagógica anexa ao museu (Barausse, 2004, pp. 41-42).

A partir de 19 de maio de 1909, quando foi aberto ao público, o Museu foi um ponto de referência para muitos professores, incluindo estrangeiros, administradores escolares, inspetores e grupos escolares, interessados em aprender sobre inovações educacionais. Com a sua inauguração, a estrutura tornou-se “um verdadeiro instituto central de estudos pedagógicos”, que coletou móveis escolares, material científico e didático, livros didáticos e promoveu a organização de exposições anuais (Zeno, 1911, pp. 58-68).

Durante os anos da direção de Varisco, não faltou o impulso para o museu pedagógico, graças também à continuidade garantida, sobretudo, pela presença constante de Raffaele Zeno, verdadeiro animador e colaborador de Credaro. Informações sobre as atividades realizadas pelo Museu nos anos subsequentes são mais escassas. No entanto, no desenvolvimento do museu anexo à Escola pesou as dificuldades econômicas que, em geral, influenciaram o progresso geral dos cursos de aperfeiçoamento. Apesar das dificuldades financeiras, o Museu Pedagógico romano continuou ativo mesmo durante os anos da Primeira Guerra Mundial, mas com reduzido potencial. Os anos imediatamente posteriores ao final da Guerra registraram, no entanto, uma mudança do corpo docente de apoio e, conseqüentemente, uma mudança da orientação pedagógica, com a entrada de acadêmicos mais próximos da cultura neo-idealista de Giovanni Gentile em substituição ao viés herbartiano de Credaro (Anuario, 1920, p. 111). A entrada do filósofo siciliano no Ministério da Educação, durante o primeiro governo de Mussolini, acarretou o fim da experiência: os cursos avançados para professores promovidos pelas universidades acabaram em 1923 junto o museu adjacente o curso criado pela Universidade de Roma (Barausse, 2004).

Referências

- ALATRI, Giovanna, Il Museo storico della Didattica, *Vita dell'Infanzia*, vol. XLII, n. 12, p. 17, 2003.
- Anuario della R. Università degli Studi di Roma. Anno scolastico 1919-20*, Roma, Tip. F.lli Pallotta, 1920.
- Atti del Quinto Congresso Pedagogico italiano tenuto in Genova nel settembre del*

1868, Genova, 1868.

Atti del VII Congresso Pedagogico Italiano Napoli-Settembre 1871, Napoli, Stab. Tipografico di Francesco Giannini, 1871.

Atti dell'XI Congresso Pedagogico Italiano e della VI Esposizione Didattica, Roma, Tipografia di E. Sinimberghi, 1881.

Il civico museo pedagogico e scolastico di Genova diretto dal prof. F. Innocenzo Ghini, Genova, Tip. Litografia dei frat.lli Pagano, 1883.

BARAUSSE Alberto, Bonghi Ruggiero in *Dizionario Biografico dell'Educazione*, vol. I, Milano, Editrice Bibliografica, p. 189-190, 2013.

BARAUSSE, Alberto, *I maestri all'Università*. La scuola pedagogica di Roma (1904-1923), Perugia, Morlacchi, 2004.

BARAUSSE, Alberto, «Ricambiare l'amore che portano all'educazione...». Public memory and awards of honour of public education in Italy from the Unification to the end of the 19th Century (1861-1898), *History of Education and Children's literature*, vol. XIV, n. 1, p. 185-205, 2019.

BORRUSO, Francesca, Un museo della scuola a Roma capitale (1874-1938). In Covato, M.I. Venzo (a cura di) *Scuola e itinerari formativi dallo Stato Pontificio a Roma capitale*. L'istruzione primaria, Milano, Unicopli 2007.

BUCCI, Salvatore, Associazioni pedagogiche Nazionali, *Enciclopedia Pedagogica*, edited by M. Laeng, Brescia, La Scuola, p. 1127-1135, 1989.

CARMINATI, Temistocle, Le conferenze del R. Museo d'istruzione e di educazione, *Archivio di Pedagogia e di Scienze affini*, vol. II, pp. 209-210, novembre 1877. *Catalogo generale del materiale didattico conservato nel Museo pedagogico redatto dall'aiuto volontario Raffaele Zeno e dall'assistente Emma Carbonera*, in *Annuario II*, pp. 41-78.

Corriere Pedagogico Italiano, *Archivio di Pedagogia e di Scienze affini*, vol. IV, p. 208-209, marzo aprile 1878.

CHIAIA Giuseppe, *Notizie, catalogo e regolamento del Museo pedagogico provinciale Salvatore Pizzi*, Caserta: G. Nobile, 1879

COSSETTO, Milena *Il Museo della scuola-Schulmuseum della città di Bolzano*, *Turris Babel*, 56, 2002, pp. 34-41.

COSTA, Sarino Armando, *La scuola e la grande scala*, Palermo, Sellerio, 1990, pp. 357-365.

CREDARO, Luigi, *La scuola pedagogica*. In CORSO DI PERFEZIONAMENTO PER I LICENZIATI DELLE SCUOLE NORMALI, *Annuario*, compilato per cura del Segretario della scuola A. Bertini Calasso, (da ora in poi *Annuario I*) Roma, p. 34-46, 1908.

Cronaca dei Musei Pedagogici Italiani, *Archivio di Pedagogia e Scienze affini*, vol. V, vol. VIII, n. 3, p. 302-303, 1880.

DAL PANE, Luigi *Il museo d'istruzione e di educazione e l'opera di Antonio Labriola*, Bologna, Cooperativa Tipografica Azzogidi, 1961, estratto da *Memorie dell'Accademia delle Scienze dell'Istituto di Bologna*. Classe di scienze morali, IX, 1961;

D'ASCENSO Mirella., VIGNOLI R., *Scuola, didattica e musei tra Otto e Novecento: il Museo didattico «Luigi Bombicci» di Bologna*, Bologna, Clueb, 2008.

ESPOSIZIONE AGRARIA DI ROMA 1899. *Esposizione didattica per l'insegnamento agrario, il lavoro educativo e le piccole industrie casalinghe*. Catalogo, Tip. Editrice della Minerva, s.d. [ma del 1899]

LAWN, Martin, *Modelling the future: exhibitions and materiality of education*, Oxford, Symposium books, 2009.

LATINO Emanuele, *L'ultima mostra universale e i nuovi bisogni della vita scolastica*

tica nel rispetto igienico pedagogico e sociale, Roma 1883 in *Archivio di pedagogia e scienze sociali*, vol.VII, n. XII, 1883, p. 337.

_____, *L'ultima mostra universale e i nuovi bisogni della vita scolastica nel rispetto igienico pedagogico e sociale*, Roma 1883.

MARINO, Marisa, Il Museo pedagogico di Palermo. In C. Xodo (a cura di), *Apprendere all'università: atti del Convegno* (Padova, 23-25 ottobre 1996), vol. I, *L'università ieri: dai puncta taxata al modulo didattico*, Padova, CLEUP, 1997.

MARINO, Marisa, Dal museo pedagogico alla Scuola di Magistero: l'esperienza della Facoltà di Lettere di Palermo, *FIERI. Annali della Dipartimento di Filosofia, Storia e Critica dei Saperi*, I, p. 135-145, 2004.

MEDA, Juri *Mezzi di comunicazione di massa. Saggi di storia della cultura materiale della scuola tra XIX e XX secolo*, Milano, Angeli, 2016.

MICELI, Valeria, *Formare maestre e maestri nell'Italia meridionale. L'istruzione normale e magistrale in Molise dall'Unità a fine secolo (1861-1900)*, Lecce, Pensamultimedia, 2013.

MICCOLIS, S. Antonio Labriola e il Museo d'istruzione e di educazione, in *Rendiconti dell'Istituto Lombardo, Accademia di scienze e lettere. Classe di lettere e scienze morali e storiche*, vol. I 16 (1982), Milano, 1985, pp. 73-87.

Nuovo museo pedagogico in Palermo, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol.VI, n.XI-XII, pp. 1181-1182, 1880.

NUZZACI, Alessandra, *I musei pedagogici*, Roma, Kappa, 2002;

Programma, *Giornale d'Istruzione e di educazione*, vol.I, n.1, p. 2, 15 novembre 1875.

Sunto delle conferenze didattiche tenute al museo pedagogico di Roma dal prof. Cav. Giovanni Boschi fondatore e direttore della scuola elementare dell'Ateneo Galileo Galilei di Napoli estratto dall'Ateneo, vol. 2, Fascicoli 11 e 12

PANCIERA, D. Il museo pedagogico di Palermo, *Archivio di Pedagogia e Scienze affini*, vol. IV, n.VI, p. 186-198, 1879.

Passaggio del Museo pedagogico di Palermo a quell'Università e relativo ruolo organico, in *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol.VI, n. 11, pp. 872-873, 1881.

Recensione al volume di Emanuele Latino *L'ultima mostra universale e i nuovi bisogni della vita scolastica nel rispetto igienico pedagogico e sociale*, Roma 1883 in *Archivio di pedagogia e scienze sociali*, vol.VII, n. XII, p. 337, 1883.

R. Museo d'istruzione e di Educazione. Relazione a S.M. e Decreto d'istituzione del Museo, in *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione* [BUMPI], vol. I, n. 1, p. 65-66, 1874-75.

R. Museo d'istruzione e d'educazione. Inaugurazione solenne, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, a. I, n.VIII, giugno 1875

Regio Decreto del 13 febbraio 1881, n. 83 che manda a trasferire il Museo...in *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*,

R. Museo d'istruzione e di educazione. Discorso del professore G. Dalla Vedova, Roma, Tipografia Sinimberghi, 1875.

R. Museo d'istruzione e di educazione. Catalogo generale del materiale scolastico. Parte I Geografia, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol. IV, n. 3, p. 313-318, 1878.

R. Museo d'istruzione e di educazione. Catalogo generale. Storia, scienze naturali e matematiche, disegno, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol.IV, n.VI, pp. 568-575, 1878.

R. Museo d'istruzione e di educazione. Catalogo generale. Elementare, edifici scolastici, suppellettile scolastica, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, a.IV, n.VIII, pp. 668-688, 1878.

- Relazione a S.M. sulla riforma dei programmi per le scuole elementari, *Bollettino Ufficiale del Ministero della Pubblica Istruzione*, vol.XIV, n. 9, pp. 492-511, 1888.
- SANZO Alessandro, *L'opera pedagogico-museale di Antonio Labriola : carte d'archivio e prospettive euristiche*, Roma, Nuova cultura, 2012;
- _____, *Studi su Antonio Labriola e il Museo d'Istruzione e di Educazione* prefazione di Nicola Siciliani de Cumis, Roma, Nuova Cultura, 2012;
- SICILIANI DE CUMIS, Nicola, Antonio Labriola.. In *Dizionario Biografico dell'Educazione, 1800-2000*, Milano, Editrice Bibliografica, vol. 2, p. 6-7, 2013.
- TARGHETTA, Fabio "Uno sguardo all'Europa". Modelli scolastici, viaggi pedagogici ed importazioni didattiche nei primi cinquant'anni di scuola italiana. In M. Chiaranda (a cura di), *Storia comparata dell'educazione. Problemi ed esperienze tra Otto e Novecento*, Franco Angeli, Milano, p. 155-176, 2010.
- TAURO, Giacomo, *Della necessità di ricostituire in Italia il Museo d'istruzione e di educazione*, Torino-Roma-Milano-Firenze-Napoli, Libreria G.B. Paravia e C., 1903.
- TODARO Letterio Latino De Natali Emanuele. In *Dizionario Biografico dell'Educazione*, vol. 2, Milano, Editrice Bibliografica, p. 20, 2013.
- VIOLA, Valeria Il museo artistico e industriale di Giuseppe Barone di Baranello per «educare al bello» e migliorare la produzione di oggetti d'arte in Molise, *Rivista di Storia dell'Educazione in Italia*, vol. 5, n. 1, p. 247-264, 2018
- VIOLA, Valeria, "Il segreto della ricchezza degli altri paesi è la scienza, è l'istruzione tecnica". *Percorsi di istruzione tecnica e professionale nell'Italia dell'Ottocento*, Lecce, PensaMultiMedia, 2016.
- R.ZENO, *Il Museo pedagogico della R.Università di Roma. Relazione al Direttore prof. Luigi Credaro*. In CORSO DI PERFEZIONAMENTO PER I LICENZIATI DALLE SCUOLE NORMALI, *Annuario*. Anno VI 1909-910, compilato per cura del segretario d.A. Bertini Calosso, Roma, 1909.
- R.ZENO, *Il Museo pedagogico della R.Università di Roma e gli esercizi di metodologia*. In CORSO DI PERFEZIONAMENTO PER I LICENZIATI DELLE SCUOLE NORMALI , *Annuario*. Anno VII 1910-911, Roma, p.58-68, 1911.
- ZENO, Raffaele, *Il Museo pedagogico della R.Università di Roma. Relazione al direttore, Prof.B.Varisco, [di Raffaele Zeno]*. In CORSO DI PERFEZIONAMENTO PER I LICENZIATI DELLE SCUOLE NORMALI , *Annuario*. Anno VIII e IX 1911-12 e 1912-13, Roma, p.66, 1913.

Recebido em 01 de junho de 2019

Aprovado em 27 de agosto de 2019